



poema

## QUINHENTISMO

Poemas de PE. José de Anchieta

Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado?

- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza,  
Como estais em tal pobreza?

Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo  
aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino,  
Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado,  
Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade,  
Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem E te dar eterno estado, Tal  
me fez o teu pecado.

## BARROCO

### SENHORA DONA

Ninguém vê, ninguém fala, nem impugna, e é que,  
quem o dinheiro nos arranca, nos arranca as mãos, a  
língua, os olhos. Esta mãe universal, esta célebre  
Bahia, que a seus peitos toma, e cria, os que enjeita  
Portugal

Cansado de vos pregar cultíssimas profecias, quero  
das culteranas hoje o hábito enforçar: de que serve  
arrebentar por quem de mim não tem mágoa?  
verdades direi como água porque todos entendais, os  
ladinos e os boçais, a Musa praguejadora. Entendeis-  
me agora?

## ARCADISMO

Autor: Tomás Antônio Gonzaga

Marília de Dirceu Lira | Eu, Marília, não sou algum  
vaqueiro, Que viva de guardar alheio gado; De tosco  
trato, d'expressões grosseiro, Dos frios gelos, e dos  
sóis queimado. Tenho próprio casal, e nele assisto;  
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite; Das brancas  
ovelhinhas tiro o leite, E mais as finas lãs, de que me  
visto. Graças, Marília bela, Graças à minha Estrela!  
Eu vi o meu semblante numa fonte, Dos anos inda não  
está cortado: Os pastores, que habitam este monte,  
Com tal destreza toco a sanfoninha, Que inveja até me  
tem o próprio Alceste: Ao som dela concerto a voz  
celeste; Nem canto letra, que não seja minha, Graças,  
Marília bela, Graças à minha Estrela!

## ROMANTISMO

Se Eu Morresse Amanhã

Se eu morresse amanhã, viria ao menos Fechar meus olhos minha triste irmã, Minha mãe de saudades morreria Se eu morresse amanhã! Quanta glória pressinto em meu futuro! Que aurora de porvir e que manhã! Eu perdera chorando essas coroas Se eu morresse amanhã! Que sol! que céu azul! que doce n'alva Acorda ti natureza mais louçã! Não me batera tanto amor no peito Se eu morresse amanhã! Mas essa dor da vida que devora A ânsia de glória, o dolorido afã... A dor no peito emudecera ao menos Se eu morresse amanhã!

## REALISMO

Livros e flores de Machado de Assis

Teus olhos são meus livros. Que livro há aí melhor,  
Em que melhor se leia A página do amor?

Flores me são teus lábios. Onde há mais bela flor, Em  
que melhor se beba O bálsamo do amor

## NATURALISMO

Nirvana Viver assim

sem ciúmes, sem saudades, Sem amor, sem anseios,  
sem carinhos, Livre de angústias e felicidades,  
Deixando pelo chão rosas e espinhos; Poder viver em  
todas as idades; Poder andar por todos os caminhos;  
Indiferente ao bem e às falsidades, Confundindo  
chacais e passarinhos; Passear pela terra, e achar  
tristonho Tudo que em torno se vê, nela espalhado; A  
vida olhar como através de um sonho; Chegar onde eu  
cheguei, subir à altura Onde agora me encontro - é ter  
chegado Aos extremos da Paz e da Ventura." Antero de  
Quental.

## SIMBOLISMO

Quando Ismália enlouqueceu- Alphonsus de  
Guimarães

Pôs-se na torre a sonhar... Viu uma lua no céu, Viu  
outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu, Banhou-se toda em luar...

Queria subir ao céu, Queria descer ao mar...

E, no desvario seu, Na torre pôs-se a cantar... Estava  
longe do céu... Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu As asas para voar. . . Queria a  
lua do céu, Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu Ruflaram de par em par...

Sua alma, subiu ao céu, Seu corpo desceu ao mar...

## PRÉ MODERNISMO

SONETO Dedicado a Anna da Cunha

"Ontem, quanto, soberba, escarnecias Dessa minha paixão, louca, suprema, E no teu lábio, essa rosa da algema, A minha vida, gélida prendias... Eu meditava em loucas utopias, Tentava resolver grave problema...

\_ Como engastar tua alma num poema? E eu não chorava quando tu te rias... Hoje, que vives desse amor ansioso E és minha, só minha, extraordinária sorte, Hoje eu sou triste, sendo tão ditoso! E tremo e choro, pressentindo, forte Vibrar, dentro em meu peito, fervoroso, Esse excesso de vida, que é a morte..." [10 set. 1890]

MODERNISMO Autor: Oswald de Andrade

Canto de regresso à pátria Minha terra tem palmares  
Onde gorjeia o mar Os passarinhos daqui Não cantam  
como os de lá Minha terra tem mais rosas E quase  
que mais amores Minha terra tem mais ouro Minha  
terra tem mais terra Ouro terra amor e rosas Eu  
quero tudo de lá Não permita Deus que eu morra Sem  
que volte para lá Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte pra São Paulo Sem que veja a Rua 15 E  
o progresso de São Paulo.